

A A R T E
D A
P I N T U R A.

A A R T E
D A P I N T U R A
DE C. A. DO FRESNOY,
TRADUZIDA DO FRANCEZ EM PORTUGUEZ,
E EXPOSTA AOS CANDIDATOS, E AMADORES DESTA
BELLA ARTE.
DEBAIXO DOS AUSPICIOS, E ORDEM
DE SUA ALTEZA REAL
O PRINCIPE REGENTE N. S.
P O R
JERONYMO DE BARROS FERREIRA
PREFESSOR DE DESENHO, E PINTURA HISTO-
RICA NESTA CORTE.



L I S B O A.
NA TYPOGRAPHIA CHALCOGRAPHICA, TYPOPLASTI-
CA, E LITTERARIA DO ARCO DO CEGO.

M. DCCC.



A A R T E

D A P I N T U R A .

A PINTURA , e a Poesia são duas Irmãs tão semelhantes em tudo , que até mutuamente trocãõ seus nomes , e officios. Chama-se a primeira Poesia muda , e a segunda Pintura loquente. Os Poetas cantaraõ o que era agradável aos ouvidos , e os Pintores só pintáraõ o que era aprazivel á vista. Finalmente o que foi digno da penna de huns , igualmente o foi do pincel dos outros. Porque para contribuirem ambas para as honras da Religiaõ , elevaõ-se aos Ceos , e entrando livremente no Palacio de Jupiter , gozaõ da vista , e da conversaçãõ dos Deoses , observaõ sua majestade , e discursos , e os participaõ aos homens , a quem ao mesmo tempo inspiraõ o fogo celeste , que se vê nas suas obras. Dalli discorrem por todo o universo , e com o maior estudo colhem o que achãõ digno dellas , esquadrinhaõ nas historias dos se-

culos passados Argumentos que lhes sejam proprios. Finalmente he assumpto da Poesia, e da Pintura tudo aquillo que, pela sua nobreza, ou por algum accidente notavel, merece consagrar-se á eternidade, seja no mar, ou na terra, ou nos Ceos. E he por este meio que a gloria dos Heroes se não extinguiu com a sua vida, e que as maravilhosas obras, os prodigios da arte que ainda hoje admiramos, se tem felizmente conservado. Tal he o poder, e honra destas divinas Artes.

Naõ me he necessario implorar aqui o soccorro de Apollo, nem o das Muzas para a graça do discurso, nem para a cadencia dos versos, por que sendo esta obra dogmatica precisa mais de pureza, que de ornato.

Naõ pertendo neste tratado ligar as mãos dos artistas, cuja sciencia não consiste mais do que em huma certa pratica, á que se habitua: não: nem quero tão pouco suffocar o genio por hum montão de regras, nem extinguir o fogo de huma veia viva, e abundante: o meu intento he fazer que a arte, fortificada pelo conhecimento das cousas, se torne gradualmente em natureza, e se faça depois hum genio puro, capaz de discernir, e escolher a verdade; e que o genio, pelo habito, adquira perfeitamente todas as regras, e segredos da arte.

P R E C E I T O I .

Do Bello.

A principal , e mais importante parte da Pintura he o conhecimento das obras da natureza mais bellas , e convenientes para esta arte , cuja escolha se deve fazer , segundo o gosto , e maneira dos antigos : fóra disto , não ha mais que huma barbaria cega , e temeraria , que despreza o que he mais bello , e com hum a audacia descarada insulta hum a Arte que não conhece ; o que deu occasiaõ áquelle proverbio : *Nada ha mais audaz , e temerario do que hum mão Pintor , e hum mão Poeta , que não conhecem a propria ignorancia.*

Amamos o que conhecemos , apeteçemos o que amamos , corremos a pôz das cousas , que desejamos , e finalmente conseguimos o fim , á que constantemente nos dirigimos. Com tudo , o azaso não offerece sempre o decente , e o bello , ainda sendo , o que elle offerece , verdadeiro , e natural : não deve o Pintor imitar servilmente a natureza , mas como arbitro soberano da sua arte escolherá o mais bello , emendará o menos bello , ou defeituoso , e não deixará escapar as bellezas fugitivas , e passageiras.

PRE-

P R E C E I T O II.

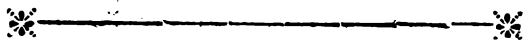
Da Theoria, e da Pratica.

Da mesma sorte que a pratica, destituida das luzes da arte, corre perigo de precipitar-se como hum cega, e não pôde produzir nada digno de fama: assim a theoria, sem o socorro da pratica, não pôde chegar á perfeição, mas desfallece, como se estivesse preza, e não foi com a lingua que Apelles produzio tão bellas obras. Assim, ainda que na Pintura hajaõ muitas cousas, para as quaes se não podem dar preceitos (por que muitas vezes faltaõ termos para exprimir o que he mais bello) não deixarei com tudo de apontar alguns, que vim a colegend do exame da nossa grande mestra a natureza, e dos chefes de obra da antiguidade, primeiros exemplares da arte. Por este meio he que o espirito, e a disposição natural se cultivaõ; he assim que a sciencia aperfeçoa o genio, e modera o entusiasmo, que não conhece limites: *por que ha nas cousas huma medida, e certos termos, fõra dos quaes se não encontra o bom.*

PRECEITO III.

Do assumpto , ou motivo.

Isto posto , deve escolher-se hum assumpto bello , e nobre , que , sendo de si mesmo capaz de todas as graças , de que são susceptiveis as côres , e a elegancia do desenho , dê tambem á arte materia ampla , para mostrar , o que póde , e , além disto , contenha algum sal , e instrucção.



P A R T E I.

Invenção da Pintura.

ENTRo finalmente na materia , e se me offerece hum panno aparelhado , onde se ha de dispor toda a maquina do quadro , e o pensamento de hum genio facil , e poderoso , que he juntamente o que chamamos invenção.

He esta huma Musa , que , dotada das qualidades de suas Irmãs , e abrazada com o fogo de Apollo ; he mais elevada , e mais brilhante.

P R E C E I T O IV.

Disposição, ou economia de toda a obra.

Convem , quando se buscaõ as atitudes , prever o effeito , e harmonia das luzes , e das sombras com as côres , que devem entrar no todo , tomando de humas , e de outras o que póde produzir mais bello effeito.

P R E C E I T O V .

Fidelidade do assumpto.

Devem as composições conformar-se com o texto das authores antigos , com os costumes , e tempos.

P R E C E I T O VI.

Deve evitar-se a insipidez.

Cuidadosamente se evite , que entre no quadro , e occupe o principal lugar , cousa que nada faça ao assumpto , ou que lhe seja pouco adequada : deve-se nisto imitar a Tragedia , irmã da Pintura , que emprega todas as suas forças no lugar , onde fere o forte da acção.

Esta parte tão rara , e difficil , não se adquire nem pelo trabalho , nem pelas vigílias , nem pelos preceitos dos Mestres : mas assim como não he permittido a todos ir á Corintho , da mesma sorte só áquelles , á quem a natureza dotou de alguma parte do fogo celeste , que Prometheu roubára , he que são capazes de receber estes presentes divinos.

A Pintura appareceo pela primeira vez no Egypto , ainda informe ; mas tendo dalli pas-

sado aos Gregos, que pelo seu estudo, e pela agudeza do seu espirito a cultivárao, chegou a hum tal ponto de perfeição, que parece que excedêra a natureza.

Entre as Academias Gregas se contaõ quatro principaes, Athenas, Sycion, Rhodes, e Corintho, que só differem entre si pela maneira do trabalho, como se pôde ver pelas estatuas antigas, que são o modelo da belleza, e ás quaes nada produzirão semelhante os seculos seguintes, ainda que lhe não tenham ficado muito longe, tanto na sciencia, como no modo da execução.

P A R T E II.

Do desenho.

P R E C E I T O VII.

Da attitude.

POr tanto no gosto das antigos Gregos se escolherá huma attitude , em que os membros sejam grandes , amplos , desiguaes na sua posição , de sorte que os de diante contrastem os que ficam a traz , e todos sejam equilibrados no seu centro.

Os membros devem ser contornados em ondas á maneira da chama , ou das voltas colleadas da serpente. Estes contornos sejam fluidos , grandes , e quasi imperceptiveis ao tacto , como senão tivessem eminencias , ou cavidades. Sejam conduzidos de longe sem interrupção. Os musculos devem unir-se , e ligar-se , segundo os conhecimentos Anatomicos. Sejam desenhados á Grega , e appareça pouco , á maneira das figuras antigas. Haja finalmente huma perfeita harmonia das partes entre si , e com o todo.

A parte , de que nasce , deve ser mais poderosa , que a parte produzida , e o todo de-

ve

ve ver-se do mesmo ponto de vista: ainda que a perspectiva não póde chamar-se huma regra certa de Pintura; mas hum grande soccorro na Arte, e hum meio facil para operar, cahindo muitas vezes em erro, e fazendo nos ver as cousas debaixo de hum falso aspecto; porque os corpos nem sempre se representaõ, segundo as medidas Geometricas, mas como parecem á vista.

P R E C E I T O VIII.

Variedade nas Figuras.

A fôrma dos rostos, a idade, e a cor, assim como os cabellos, não convêm que sejaõ os mesmos em todas as figuras, porque os homens são taõ differentes, como os paizes.

P R E C E I T O IX.

Conformidade dos membros com as roupas.

Cada hum dos membros deve conformar-se com a sua cabeça, e todos juntos devem fazer hum corpo com as roupas, que lhe são proprias, e convenientes.

P R E C E I T O X.

Imitar as acções dos mudos.

E sobre tudo he preciso , que as figuras , á que se não póde dar vóz , imitem os mudos nas suas acções.

P R E C E I T O XI.

A principal figura do assumpto.

A principal figura do assumpto convem que appareça no meio do quadro , debaixo da maior luz ; que tenha alguma cousa que a faça notar mais que as outras ; e que as figuras , que a acompanhaõ , a não occultem á vista.

P R E C E I T O XII.

Gruppos de figuras.

Sejaõ apinhoados , tanto os membros , como as figuras , e os gruppos separados por hum vacuo , porque partes dispersas sem ordem , confusas , e embaraçadas humas com as outras , dividem a vista em muitos raios , e causão huma confusão desagradavel.

P R E C E I T O XIII.

Diversidade de attitudes nos gruppas.

Naõ devem as figuras do mesmo gruppas assemelhar-se nos seus movimentos, nem nos seus membros, nem voltar-se todas para o mesmo lado ; mas sim contraporem-se umas ás outras, e contrariarem-se nas suas operações.

Entre muitas figuras, que nos mostram pela frente, faça-se ver alguma pelas costas, apoiando os hombros no estomago, e o lado direito no esquerdo de outra.

P R E C E I T O XIV.

Equilibrio do quadro.

Naõ fique vazio hum lado do quadro, estando o outro cheio até acima ; mas disponha-se as cousas de maneira, que se se encher hum lado do quadro, haja occasião de encher o outro, de sorte que pareçaõ de algum modo iguaes, ou conste o quadro de muitas figuras, ou de poucas.

PRECEITO XV.

Do numero das figuras.

Da mesma sorte que raras vezes he boa humã Comedia, em que entra grande numero de Actores, assim he rarissimo, e quasi impossivel fazer hum quadro perfeito, metten-do-lhe grande quantidade de figuras. Nem he para admirar, que taõ poucos Pintores tenhaõ sido felices, quando nas suas obras introduzi-raõ grande numero de figuras, pois que apen-as se achaõ alguns, que fossem bem succedidos nos quadros, em que fizeraõ apparecer poucas: a razã disto he, porque tantas cousas dispersas confundem, e carecem daquella magestade, e doce silencio, que fazem a beleza do quadro, e satisfação dos olhos: se porém o assumpto exigir grande quantidade de figuras, deve conceber-se o todo juntamente, de maneira, que a obra se veja de huma só vista, e não cada cousa em particular.

PRECEITO XVI.

Das junturas, e dos pés.

Raras vezes se occultem as extremidades das junturas; porém nunca os pés.

P R E C E I T O XVII.

Concorrença do movimento das mãos com o da cabeça.

As figuras , que estiverem por detrás de outras , não poderaõ ter graça , nem vigor , se o movimento das mãos não acompanhar o da cabeça.

P R E C E I T O XVIII.

O que se deve evitar na distribuição das figuras.

Evitem-se as vistas difficeis , e pouco naturaes , os movimentos , e acções forçadas , igualmente se evitem todas as partes desagradaveis á vista , como são os Escorços.

Da mesma sorte se evitem as linhas , e os contornos iguaes , que produzem parallelas , e outras figuras agudas , e geometricas , (como quadrados , e triangulos) que , por serem muito contados , fazem huma symetria desagradavel ; mas sim , como já disse , as principaes linhas devem contratar-se huma a outra : nestes contornos attenda-se portanto principalmente ao todo , por que delle provem a belleza , e força das partes.

PRE-

PRECEITO XIX.

Deve accommodar se a natureza ao genio.

Não convem cingir-nos tanto á natureza, que nada deixemos ao estudo, nem ao genio; mas não se entenda também que só o genio, e a memoria das cousas vistas bastem, para fazer hum bello quadro, sem o auxilio da incomparavel mestra a natureza, que sempre devemos ter presente como testemunha da verdade. Podem se commetter infinitos erros de toda a especie; são tão frequentes, e espessos, como as arvores n'hum bosque; e entre grande quantidade de caminhos, que nos extraviaõ, só ha hum bom, que nos conduz felizmente ao fim, que nos propomos, da mesma sorte que entre muitas linhas curvas se não acha mais do que huma recta.

PRECEITO XX.

Devemos seguir os authores antigos, na imitação da natureza.

Deve-se pois, a maneira dos antigos, imitar o bello natural, segundo o pedirem o objecto, e a natureza da cousa: pelo que desveladamente se procurem as medalhas antigas, as

estatuas, os vasos, os baixos relevos, e tudo que der a conhecer os pensamentos, e invenções dos Gregos, por que estes nos dão grandes idéas, e nos habilitaõ para bellas produções. E na verdade, depois de bem examinadas, achaõ-se-lhes tantas bellezas, que faz compaixaõ o destino do nosso Seculo, naõ podendo esperar-se, que outra vez se chegue áquelle ponto de perfeiçaõ.

P R E C E I T O XXI.

Como se deve tratar huma só figura.

Se houver de pintar-se huma só figura, seja entaõ esta perfeitamente bella, e variada com muitas côres.

P R E C E I T O XXII.

As roupagens.

As roupas devem ser nobremente lançadas, as dobras amplas, seguindo a ordem das partes, fazendo-as ver por meio das luzes, e das sombras; e ainda que estas partes sejaõ muitas vezes atraveçadas pelas dobras, que fluctuaõ em roda, basta marcallas pelos claros-escuros, sem que as roupas fiquem muito adere-

he.

herentes á ellas. No caso que ás partes sejaõ muito distantes entre si , de sorte que hajaõ vacuos , devem-se ligar por meio de alguma dobra. E bem como a belleza dos membros não consiste na quantidade dos musculos , mas , pelo contrario , são mais magestosos aquelles , em que menos apparecem ; assim a belleza das roupas não consiste na quantidade das dobras , mas em humia ordem simples , e natural. He tambem necessario observar a qualidade das pessoas : são proprios aos Magistrados vestidos muito amplos ; grossos , e succintos aos rusticos , e aos escravos ; ás meninas ligeiros , e engraçados. Algumas vezes será bom tirar das cavidades alguma dobra , e fazella empolar ; para que , recebendo luz , estenda o claro aos lugares , que a massa exigir , e tire as sombas duras.

P R E C E I T O XXIII.

Ornamento do quadro.

As divisas das virtudes contribuem muito pela sua nobreza para o ornato das figuras ; como são as das sciencias , da guerra , e dos sacrificios.

P R E C E I T O XXIV.

Ornamentos de ouro, e pedrarias.

Mas não se enriqueçaõ demasiadamente com ouro, ou pedrarias; por que as mais raras são as mais caras, e preciosas, e aquellas, de que ha mais abundancia, são vulgares, e de pouco preço.

P R E C E I T O XXV.

Modelo.

Será muito util fazer hum modelo daquellas cousas, cujo natural he difficil de reter, e de que não podemos dispôr a nosso arbitrio.

P R E C E I T O XXVI.

A scena do quadro.

Deve-se attender ao lugar da scena, que o quadro representa, aos paizes, d'onde são, os que nella apparecem, ás suas maneiras, costumes, leis, e decoro.

P R E C E I T O XXVII.

As graças , e a nobreza.

Deve tudo respirar graça , e nobreza : mas isto he huma cousa difficillima , e hum dom rarissimo , que o homem recebe do Ceo , não dos estudos.

P R E C E I T O XXVIII.

Cada cousa deve estar no seu lugar.

Siga se em tudo a ordem da natureza: Não se pintem por tanto navens , ventos , trovões nos sobrados , e o inferno , ou as agoas nos tectos. Não se colloque igualmente hum colosso de pedra sobre huma vara : mas esteja tudo no lugar , que lhe he proprio. •

P R E C E I T O XXIX.

Das paixões.

Expressar , além de tudo isto , os movimentos do espirito , e os affectos do coração ; em huma palavra , fazer com humas poucas de cores , que a alma seja visivel , he a maior difficuldade : ha certamente bem poucos

cos, a quem Jupiter nisto favorecesse. Assim tão sómente aquelles espiritos, que em alguma cousa participão da Divindade, he que podem obrar tão grandes maravilhas. Deixo aos Rethoricos o trabalho de tratarem dos caracteres das paixões; e contentar-me-hei só com repetir, o que antigamente disse hum grande Mestre: *Aquelles movimentos da alma, que são estudados, nunca são tão naturaes, como os que se observaõ no calor de huma verdadeira paixão.*

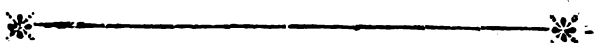
P R E C E I T O XXX.

Devem-se evitar os ornamentos Gothicos.

Evitem-se os ornatos Gothicos monstruosos, produzidos pelos seculos barbaros, nos quaes, depois que a discordia, e a ambição, causadas pela nimia extensão do Imperio Romano, derramaraõ a guerra, a peste, e a fome por todo o mundo, pereceraõ os mais soberbos edificios; e as bellas Artes se extinguiraõ. Entaõ vio a Pintura consumir as suas maravilhas pelo fogo, e para não acabar com ellas, refugiou-se nos lugares subterraneos, onde salvou os pequenos restos, que a sorte lhe deixára, ao mesmo passo que a Escultura ficou, por muito tempo, sepultada debaixo de

tan-

tantas ruínas com as suas bellas obras , e as suas admiraveis estatuas. O Imperio , com tudo , abattido com o peso dos seus crimes , indigno da luz , achou-se envolvido em huma noite medonha , que o abysmou no erro , e cobrio estes seculos desgraçados com as espessas trévas da ignorancia , para os punir da sua impiedade. Donde procede , que de todas as obras dos grandes homens da Grecia nenhuma nos restasse de Pintura , e colorido , que possa ajudar aos nossos Artistas , ou na invenção , ou na maneira.



P A R T E III.

Colorido , ou Cromatica.

Pela mesma razão ninguém ha que restabeleça a Cromatica no mesmo ponto, a que a levou Zeuxis, quando por esta parte quasi mágica, que taõ admiravelmente engana a vista, se igualou ao famoso Apelles, Principe dos Pintores, e mereceo huma eterna, e universal reputaçã. E como esta parte, (que se póde chamar a alma, e complemento da Pintura) he huma belleza enganadora, mas lisongeira, e agradavel, accusavaõ-na de metter á cara a sua irmã, e de obrigar-nos destramente á amala: mas esta prostituiçã, enfeite, e engano, longe de a terem nunca deshonrado, tem sido pelo contrario materia para o seu louvor, e merecimento: será por tanto muito util o conhecella.

A luz produz todas as especies de cores; e a sombra nenhuma.

Quanto mais hum corpo nos he directamente opposto, e proximo á luz, tanto he mais claro; porque a luz se enfraquece á proporçã, que se aparta do seu principio.

Quan-

Quanto mais hum corpo está proximo aos olhos, e lhes está mais directamente opposto, tanto melhor se vê; porque à vista se debilita na distancia.

P R E C E I T O XXXI.

Direcção dos tons, luzes, e sombras.

Logo os corpos redondos, que estão de frente de nós em angulo recto, devem ser de cores vivas, e fortes, e as extremidades devem perder-se insensivel, e confusamente, sem que o claro se precipite immediatamente no claro; porém sim fazendo huma passagem commum, e inperceptivel dos claros aos escuros, e destes áquelles. E, segundo estes principios, tratar-se-ha todo hum grouppo de figuras, ainda que seja composto de muitas partes, da mesma sorte que huma só cabeça, ou sejaõ dous os grouppos, ou ainda tres (que he o mais que póde ser), se a composição o pedir; mas cuide-se, em que sejaõ destacados huns dos outros. Finalmente conduzaõ-se de maneira as cores, os claros, e escuros, que, depois de grandes sombras, hajaõ grandes claros, para que a vista descance, e reciprocamente, depois de grandes claros, grandes sombras.

Con-

Convem dar relevo, e redondez aos corpos, a imitação do espelho convexo, que nos mostra as figuras, e todas as outras cousas, que avançam, mais fortes, e vivas, que o mesmo natural, e as que voltam, são cores rotas, como menos distinctas, e mais proximas ás bordas.

O Pintor, e o Escultor trabalhaõ pois com a mesma intenção, e da mesma maneira: por que aquillo que o Escultor arredonda com o ferro, o Pintor o faz com o pincel, occultando o que quer que menos se veja pela diminuição, e ruptura das suas cores, e fazendo sobresahir pelas tintas as mais vivas, e as mais fortes sombras, o que he directamente opposito á vista, como mais sensivel, e distincto, e pondo finalmente sobre o painel as cores, que perfeitamente imitem o natural, que deve ver-se de hum só lugar, e do mesmo golpe de vista, de sorte que, sem mover-nos, pareça que giramos em roda da figura.

P R E C E I T O XXXII.

Corpos opacos sobre campos luminosos.

Os corpos solidos , sensiveis ao tacto , e opacos , que estiverem sobre campos luminosos , e transparentes , como são o ceo , as nuvens , as aguas , etc. devem ser mais ásperos , e assinalados , do que as cousas , que os rodeaõ , para que , sendo mais fortes pelo claro , e escuro , ou por cores mais sensiveis , possaõ subsistir , e conservar a sua solidez entre esta especie aerias , e diafanas ; e para que , pelo contrario , estes fundos , que são , como dissemos , o ceo , as nuvens , e as aguas , sendo mais claros , se apartem mais dos corpos opacos.

P R E C E I T O XXXIII.

Naõ convem admittir duas luzes iguaes no mesmo quadro.

Naõ se póde admittir duas luzes iguaes no mesmo quadro ; mas a maior cahirá fortemente no meio , e se estenderá , na sua maior viveza , aos lugares , onde estiverem as principaes figuras , e onde se passar o forte da acção , diminuindo-se á proporção , que for chegan-

gando ás extremidades. E da mesma sorte que a luz do Sol se enfraquece insensivelmente do nascente ao poente, até se perder de todo; assim a luz do quadro, deve ser tanto menos sensível, quanto mais longe estiver do seu principio. A experiencia faz isto bem palpavel nas estatuas, que se vem nas praças publicas, cujas partes superiores são mais allumiadas, que as inferiores. Imitem-se pois estas na distribuição das luzes.

Evitem-se as sombras fortes no meio dos membros, para que o muito negro, que compõem estas sombras, não pareça entrar dentro, e cortallas, ponhañ-se porém em torno delles, para os relevar mais: escolha se huma luz tão vantajosa ás figuras, que, depois de grandes claros, se sigão grandes sombras. Pello que excellentemente dizia Ticiano, que não havia melhor regra para a distribuição dos claros, e escuros, do que o *cacho de uvas*.

P R E C E I T O XXXIV.

O branco, e o negro.

O branco puro chega-se, ou affasta-se indifferentemente: chega-se com o negro, e affasta-se sem elle: nada porém se chega mais que o negro puro.

A luz communica a cor, de que he modificada aos corpos, que toca, assim como ao ar, por onde passa.

P R E C E I T O XXXV.

Reflexão das cores.

Os corpos, que estão juntos, recebem huns dos outros a cor, que lhe está opposta, e reflectem reciprocamente a que lhes he propria, e natural.

P R E C E I T O XXXVI.

União.

A maior parte dos corpos , que estiverem debaixo de huma luz estença , e distribuida igualmente por toda a parte , devem participar todos da cor hums dos outros. Os Venezianos , tendo sempre em vista esta maxima , (que os antigos chamáraõ ruptura das cores) na quantidade de figuras , de que enchêraõ os seus quadros , sempre procuráraõ a união das cores ; porque receáraõ que , sendo muito differentes , embaraçassem a vista , pela sua confusaõ , com a quantidade de membros separados por hum grande numero de dobras ; e para este effeito pintaõ as suas roupagens de cores co-semelhantes , e quasi naõ as distinguiraõ , senaõ pela diminuiçaõ do claro escuro , unindo os objectos contiguos pela participaçã das suas cores , e ligando assim as luzes , e sombras.

P R E C E I T O XXXVII.

Do ar interposto.

Quanto menos espaço aerio ha entre nós , e o objecto , e quanto mais puro he o ar ,
 tan-

tanto mais as especies se conservaõ , e se distinguem : e pelo contrario , quanto mais he a quantidade de ar , e quanto este he menos puro , tanto mais o objecto se confunde , e se embrulha.

P R E C E I T O XXXVIII.

Relação das distancias.

Os objectos , que estão mais perto , devem ser mais acabados , que os que estão mais longe , e devem dominar sobre as cousas confusas , e fugitivas ; mas faça-se isto relativamente , quero dizer , de sorte que huma maior , e mais forte faça fugir huma mais pequena , e a faça menos sensivel pela sua opposição.

P R E C E I T O XXXIX.

Os corpos distantes.

As cousas , que estão em muita distancia , ainda que sejam em grande numero , devem fazer huma só massa ; da mesma sorte que as folhas nas arvores , e as ondas no mar.

P R E C E I T O XL.

Os corpos contiguos , e separados.

Naõ sejaõ separados os objectos , que devem ser contiguos : e os que devem ser separados, nos pareçaõ taes ; faça-se porém isto por huma agradável , e pequena differença.

P R E C E I T O XLI.

Evitem-se os extremos contrarios.

Nunca já mais duas extremidades contrarias se toquem , tanto em côr, como em luz ; haja porém hum meio, que participe de huma , e de outra.

P R E C E I T O XLII.

Diversidade dos tons , e das côres.

Devem variar-se a cada passo os tons , e as côres nos corpos : os que estão atrás, devem ligar-se , e unir-se huns com os outros , e os de diante devem ser fortes , e brilhantes.

P R E C E I T O XLIII.

Escolha da luz.

Trabalha de balde , o que escolhe para o seu quadro a luz do meio dia ; por que não ha cores, que lhe possam chegar : he mais conveniente tomar hum a luz mais fraca , como aquella, com que o sol de tarde doura as campinas, ou a da manhã, cuja brancura he moderada ; ou a que o sol nos dá depois da chuva , por entre as nuvens , ou a que, em hum a trovoad a , as nuvens nos occultaõ , e fazem parecer avermelhada.

P R E C E I T O XLIV.

Certas cousas concernentes á pratica.

Os corpos polidos , como são os cristaes ; os metaes , os corpos ligneos, os ossos, e as pedras ; os que são cubertos de pelo , como as pelles, a barba, e os cabelos ; como tambem as pennas , a seda , e os olhos de sua natureza aquosos ; e os que são liquidos , como são as agoas , e as especies corporaes, que nellas reflectem , finalmente tudo , o que as toca , ou que está junto dellas, deve ser pintado unida-

mente por baixo , mas tocados por cima com os claros , e escuros que lhes convem.

P R E C E I T O XLV.

Campo do quadro.

Seja a arêa do quadro vaga, fugitiva , leve , e feita de huma mistura , em que entrem bem ligadas todas as cores, que compoem a obra , como o seria o resto de huma palheta ; e reciprocamente participem os corpos da cor do seu campo.

P R E C E I T O XLVI.

Viveza das côres.

As cores devem ser vivas , sem que fiquem palidas.

He preciso empastar fortemente , e com brilhantes cores as partes mais elevadas , e proximas a nós ; carreguem-se pelo contrario pouco as que se voltaõ.

PRECEITO XLVII.

Sombra.

Seja tal a harmonia nas massas de hum quadro, que todas as sombras pareçaõ huma.

PRECEITO XLVIII.

O quadro deve ser todo de huma parte.

Seja o quadro todo de huma parte, evite-se quanto for possivel pintar a secco.

PRECEITO XLIX.

O espelho he o mestre dos Pintores.

O espelho ensina quantidade de cousas, que se observaõ na natureza, assim como os objectos vistos de tarde em lugares espaçosos.

PRECEITO L.

A meia figura, ou inteira diante das outras.

Se se houver de pintar huma meia figura, ou huma figura inteira diante de outras, he preciso, que ella pareça proxima á vista; e se
for

for necessario pintalla em hum lugar espaçoso , e longe dos olhos , não se poupem os maiores claros , as mais vivas cores , e as mais fortes sombras.

P R E C E I T O L I .

Retrato.

Pelo que pertence aos retratos , deve-se fazer precisamente , o que a natureza mostra , trabalhando ao mesmo tempo nas partes co-selhantes , como são os olhos , os beiços , e o nariz , de sorte que toque em hum , logo que se der hum pincelada em outra ; para que o tempo , e a interrupção não fação perder a idéa de hum parte , que a natureza fez para se unir com outra ; imitando assim , feição por feição , todas as partes com hum justa , e harmoniosa composição de claro escuro , e de cores , e dando ao retrato o brilhante , que a facilidade , e o vigor do pincel fazem ver ; então parecerá vivo.

P R E C E I T O LII.

Lugar do quadro.

As obras pintadas em lugares pequenõs devem ser muito delicadas, e unidas de tons, e cores, cujos grãos seraõ mais differentes, mais desiguaes, e mais fortes, se a obra estiver mais distante: e quando se pintarem figuras grandes, seja com fortes cores, e em lugares muito espaçosos.

P R E C E I T O LIII.

Luzes largas.

Pinte-se o mais delicadamente, que for possivel, e façã-se perder insensivelmente as luzes largas nas sombras, que as seguem, e as cercaõ.

P R E C E I T O LIV.

Quanta luz he precisa para o lugar do quadro.

Se o quadro estiver posto em hum lugar allumiado por huma luz pequena, sejaõ as cores muito claras; e sejaõ pelo contrario muito escuras, se o lugar for muito allumiado.

P R E-

P R E C E I T O LV.

As cousas ociosas em Pintura, que se devem evitar.

Evitem-se os objectos cheios de buracos, quebrados, miados, e separados em pedaços: evitem-se igualmente as cousas barbaras, asperas á vista, variedades de cores, e tudo que tem hum força igual de luz, e de sombra; como tambem as cousas impudicas, sordidas, indecentes, crueis, chimericas, e miseraveis; as quaes são agudas, e asperas ao tacto; finalmente tudo, que corrompe a sua forma por hum confusão de partes embaraçadas humas nas outras: *porque os olhos se horrorisam das cousas, que as mãos não querem tocar.*

P R E C E I T O LVI.

Prudencia do Pintor.

Mas ao mesmo tempo que se trabalhar por fugir de hum vicio, he necessario acautelar-se para não cahir em outro; porque o bem está sempre entre dous extremos igualmente máos.

PRECEITO LVII.

Idéa de hum bello quadro.

As cousas bellas em ultimo gráo , segundo a maxima dos antigos Pintores , devem ter grandeza , e contornos nobres ; devem ser distinctas , puras , e sem alteraçã , limpas , e ligadas entre si compostas de grandes partes , mas com pequeno numero , e finalmente separadas por cores fortes , mas sempre amigas.

PRECEITO LVIII.

Para o novo Pintor.

Assim como se diz , que aquelle , que principiou bem , já fez metade de obra , com a mesma razão se póde dizer , que nada ha tão pernicioso á hum principiante de Pintura , como o começar com hum Mestre ignorante ; que lhe deprave o gosto com huma infinidade de erros , de que as suas obras estão cheias , e lhe faça beber o veneno , que ha de infectallo todo o resto dos seus dias.

Qualquer , que principia , não deve dar-se preça em estudar pela natureza , sem que primeiro saiba as proporções , a ligacão das partes , e os seus contornos , sem que tenha exami-

minado bem os excellentes originaes, e sem que esteja instruido dos doces enganos da Arte, que aprendêra de hum sabio Mestre, mais pela prática, vendo-o trabalhar, do que ouvindo as suas explicações.

P R E C E I T O LIX.

A Arte sujeita ao Pintor.

Busque-se tudo, o que ajuda á Arte, e lhe convem; fuja-se de tudo, que lhe repugna.

P R E C E I T O XL.

A diversidade, e facilidade recreiaão.

Os corpos de diversa natureza, apinhados juntamente, são agradaveis á vista, como também as cousas, que parecem feitas com facilidade; porque são cheias de espirito, e de hum certo fogo celeste, que as anima: mas não se podem fazer as cousas com esta facilidade, sem as ter meditado por muito tempo: e desta sorte he que se occulta debaixo de hum agradável engano a Arte, e o trabalho da obra; porém o maior de todos os artificios he fazer parecer, que nenhum ha.

PRE-

PRECEITO LXI.

Deve-se ter o original no espirito, e a copia no painel.

Já mais se dê pincelada alguma, sem que antes se tenha examinado bem o desenho, determinado os contornos, e sem se ter presente ao espirito o effeito da obra.

PRECEITO LXII.

Compasso nos olhos.

Satisfaça-se á vista com prejuizo de toda a especie de razões, que occasionarem difficuldades á Arte, que de si mesma nenhuma soffre; porque o compasso deve estar mais nos olhos, que nas mãos.

P R E C E I T O LXIII.

*O orgulho he extremamente prejudicial
ao Pintor.*

Convem aproveitar-nos dos conselhos dos homens doutos, e não desprezar com arrogancia o sentimento dos outros sobre as nossas obras. Todos são cegos nas suas cousas, e ninguem he capaz de julgar na sua propria causa, nem de deixar de amar, e admirar as cousas, que produzio. Mas a quem não tem o conselho de hum amigo sabio, nunca falta o do tempo, que, passadas algumas semanas, ou ao menos alguns dias, sem que veja a sua obra, descobrir-lhe-ha ingenuamente as bellezas, e os defeitos. Com tudo não se sigão facilmente os pareceres do vulgo, que falla as mais das vezes sem conhecimento, e não se abandone o genio, mudando com ligeireza, o que setinha feito; porque todo, o que se persuade, e lisongea com a vã esperanza de alcançar a approvação do povo, cujos juizos são inconsiderados, e mudaveis, prejudica a si, e a ninguem agrada.

P R E C E I T O LXIV.

O conhecimento de si mesmo.

Como o Pintor costuma pintar-se nas suas obras (tanto a natureza costuma produzir o seu semelhante) será bom, que se conheça a si mesmo, para cultivar os talentos, que houver recebido da natureza, e não perder o tempo em procurar os que ella lhe negou.

Da mesma sorte que os fructos nunca tem o gosto, nem as flores a belleza, que lhes he natural, quando, sendo transplantadas em terreno estrangeiro, he necessario calor artificial para as fazer brotar; assim, por mais que se canse qualquer nas suas obras, se forem contra o seu genio, nunca surtiraõ bom effeito.

P R E C E I T O LXV.

Praticar incessante, e facilmente aquillo, que se concebeo.

Meditando sobre estas verdades, observando-as cuidadosamente, e fazendo todas as reflexões necessarias, he entaõ preciso, que a mão acompanhe o estudo, que o ajude, e o sustente, sem que por isso se enfraqueça, e
aba,

abata o vigor do genio por huma demaziada exactidaõ.

P R E C E I T O LXVI.

A manhã he propria para o trabalho.

A mais bella, e melhor parte do dia he a manhã; por tanto empregue-se esta no trabalho, que demandar mais cuidado, e applicação.

P R E C E I T O LXVII.

Fazer todos os dias alguma cousa.

Naõ se passe hum só dia, sem tirar alguma linha.

P R E C E I T O LXVIII.

As paixões verdadeiras, e naturaes.

Notem-se pelas ruas as attitudes, e expressões naturaes, que serão tanto mais livres, quanto menos observadas.

PRECEITO LXIX.

Os livros de lembrança.

Convem ter sempre promptas humas memórias, e nellas apontar tudo, que se achar notavel, tanto na terra, como no ar, e nas agoas, em quanto as especies estão presentes ao espirito.

A Pintura não frequenta os banquetes, senão quanto he necessario, para que o espirito, exaurido pelo trabalho, tome novo vigor na conversação dos amigos. Foge igualmente do embaraço dos negocios, e litigios; e só está desaffogada na liberdade do celibato. Retira-se, quanto póde, da bulha, e tumulto, para disfrutar o socego do campo. Por que no silencio mais facilmente póde empregar todas as suas forças no trabalho, ter presentes ao espirito as idéas das cousas, e abranger mais commodamente o todo da obra.

Naõ despreze o Pintor a sua reputação pelo cuidado de amontoar riquezas: porém contente-se com hum fortuna mediocre, naõ pensando adquirir mais recompensa das suas bellas obras, do que hum nome glorioso, que só acabará com os Seculos.

As qualidades de hum excellente Pintor são bom juizo, espirito docil, coração nobre,

senç

senso sublime , fervor , saude , belleza , mocidade , bens necessarios , para viver , trabalho , amor a sua arte , e aprender com habil mestre. E não havendo genio , ou a inclinação natural, que a arte exige ; qualquer que seja o assumpto, que se escolha , ou que a fortuna offereça nunca se chegará á perfeição , com todas as grandes vantagens, que acabo de referir ; por que dista muito a mão do engenho.

As cousas mais bellas passão por menos más no juizo dos Doutos ; por que ninguem vê os seus defeitos , e a vida he tão curta, que não basta para huma arte, que demanda tão longa applicação. Faltaõ-nos as forças, quando na velhice começamos a saber ; acabrunha-nos esta, á proporção que nos instrue , e nunca soffrê nos membros gelados pelo frio dos annos o ardor vivo , e fervente da mocidade.

Animo pois , caros filhos de Minerva , nascidos debaixo da influencia de hum astro benigno , abrazados pelo seu fogo, attrahidos pelo amor da sciencia , e escolhidos para seus allumnos : empregai com alegria as forças do vosso espirito em huma arte, que as requer todas ; em quanto a mocidade vo-las-dá com agudeza , e vigor ; em quanto o vosso espirito puro , e livre de todo o erro ainda não tomou alguma má tintura ; e em quanto na séde, em que está, de cousas novas se enche das primeiras

especies , que se lhe offerecem , e as dá a guardar á memoria , que na sua primeira frescura as conserva por muito tempo.

PRECEITO LXX.

Ordem dos estudos.

Deve principiar-se pela Geometria , e depois de saber-se alguma cousa , comece-se a desenhar , segundo os antigos Gregos , e não se descance nem de dia , nem de noite , sem que se tenha adquirido , por huma continua prática , habito facil de imitallos nas suas invenções , e maneira.

E depois quando o Juizo estiver fortificado , e maduro , será muito bom ver , e examinar hum depois do outro , e parte por parte , segundo o methodo , que temos assignado , e as regras que expendemos , as obras , que deraõ tanta reputaçã aos Mestres da primeira classe ; como são os Romanos , os Venezianos , os Parmasanos , e os Bolonheses.

Entre todos estes grandes homens , Rafael excedeo na invenção. Fez-lhe esta fazer tantas maravilhas , quantos quadros , e nelles se observa huma certa graça , que lhe será particular , e natural , e que ninguem ao depois

se pôde apropriar. Miguel Angelo possuiu o desenho em gráo eminente. Julio Romano, educado desde a sua infancia no Paiz das Musas, nos abriu o thesouro do Parnaso, e, por huma Poezia pintada, descobrio aos nossos olhos os mais sagrados ministerios de Apollo, e todos os ornatos mais raros, que este Deos he capaz de communicar ás obras, que inspira; o que antes d'elle não conheciamos, senão pelas relações dos Poetas. Parece que pintou com mais nobreza, e magnificencia, do que a mesma cousa tivera, as famosas guerras, que a poderosa fortuna dos heroes terminou, fazendo-os triunfar das testas coroadas, e os outros grandes, e illustres successos, que causou no mundo. Corregio se fez recommendavel por ter dado força ás suas figura, sem lhe pôr sombras senão em torno, e mesmo essas são também misturadas, e confundidas com os seus claros, que são quasi imperceptiveis. Também he quasi unico na sua grande maneira de pintar, e na facilidade, que teve em manejar as cores. Ticiano entendeu também a uniaõ das massas, e dos corpo das cores, a harmonia dos tons, e a disposiçaõ do todo, que além do nome de divino, mereceu conseguir immensas honras, e bens. O applicado Anibal tomou de todos estes grandes homens, o que nelles achou bom,

bom, de que fez como hum resumo , que converteo na sua propria substancia.

PRECEITO LXXI.

*A natureza , e a experiencia aperfeiçoão
a Arte.*

Serve de muito proveito , copiar com attenção os excellentes quadros , e os bellos desenhos : mas a natureza , presente aos olhos , ainda ensina mais ; porque augmenta a força do genio ; e porque della tira a Arte a sua maior perfeição por meio da experiencia. Passo em silencio muitas cousas , que se podem ver no commentario.

Considerando que todas as cousas são sujeitas á vicissitude dos tempos , e que podem perecer por differentes modos , julguei que devia tomar o atrevimento de confiar á guarda das Musas , amaveis , e immortaes irmãs da Pintura , os poucos preceitos , que vim a colligir do meu estudo.

Occupei-me em fazer esta obra em Roma , ao tempo que a honra dos Borbões , o Vingador dos seus Antepassados , Luiz XIII. lançava os seus raios sobre os Alpes , fazia

sentir a força do seu braço aos seus inimigos, e, como outro Hercules Francez, resuscitado para o bem da sua patria, suffocava o Leão de Hespanha.

F I M.

IN-

I N D I C E

DO QUE CONTEM ESTE LIVRO.

A <i>Arte da Pintura.</i>	Pag. 5
PREC. I. <i>Bello.</i>	7
PREC. II. <i>Da Theoria, e da Pratica.</i>	8
PREC. III. <i>Do assumpto, ou motivo.</i>	9

P A R T E I.

<i>Invenção da Pintura.</i>	10
PREC. IV. <i>Disposição, ou economia de toda a obra.</i>	ib.
PREC. V. <i>Fidelidade do assumpto.</i>	11
PREC. VI. <i>Deve evitar-se a insipidez.</i>	ib.

P A R T E II.

Do desenho.

PREC. VII. <i>Da attitude.</i>	13
PREC. VIII. <i>Variedade nas Figuras.</i>	14
PREC. IX. <i>Conformidade dos membros com as roupas.</i>	ib.
PREC. X. <i>Imitar as acções dos mudos.</i>	15
PREC. XI. <i>A principal figura do assum- pto.</i>	ib.
PREC. XII. <i>Grupos de figuras.</i>	ib.
PREC. XIII. <i>Diversidade de attitudes nos grupos.</i>	16
PREC. XIV. <i>Equilibrio do quadro.</i>	ib.
PREC. XV. <i>Do numero das figuras.</i>	17
PREC. XVI. <i>Das junturas , e dos pés.</i>	ib.
PREC. XVII. <i>Concurrencia do movimen- to das mãos com o da cabeça.</i>	18
PREC. XVIII. <i>O que se deve evitar na distribuição das figuras.</i>	ib.
PREC. XIX. <i>Deve accommodar-se a na- tureza ao genio.</i>	19

PREC.

PREC. XX. <i>Devemos seguir os authores antigos, na imitação da natureza.</i>	ib.
PREC. XXI. <i>Como se deve tratar huma só figura.</i>	20
PREC. XXII. <i>As roupagens.</i>	ib.
PREC. XXIII. <i>Ornamento do quadro.</i>	21
PREC. XXIV. <i>Ornamentos de ouro, e pedrarias.</i>	22
PREC. XXV. <i>Modelo.</i>	ib.
PREC. XXVI. <i>A scena do quadro.</i>	ib.
PREC. XXVII. <i>As graças, e a nobreza.</i>	23
PREC. XXVIII. <i>Cada cousa deve estar no seu lugar.</i>	ib.
PREC. XXIX. <i>Das paixões.</i>	ib.
PREC. XXX. <i>Devem-se evitar os ornamentos Gothicos.</i>	26

P A R T E III.

<i>Colorido , ou Cromatica.</i>	26
PREC. XXXI. <i>Direcção dos tons , luzes , e sombras.</i>	27
PREC. XXXII. <i>Corpos opacos sobre cam- pos luminosos.</i>	29
PREC. XXXIII. <i>Não convem admittir duas luzes iguaes no mesmo quadro.</i>	ib.
PREC. XXXIV. <i>O branco , e o negro.</i>	31
PREC. XXXV. <i>Reflexão das cores.</i>	ib.
PREC. XXXVI. <i>União.</i>	32
PREC. XXXVII. <i>Do ar interposto.</i>	ib.
PREC. XXXVIII. <i>Relação das distan- cias.</i>	33
PREC. XXXIX. <i>Os corpos distantes.</i>	ib.
PREC. XL. <i>Os corpos contiguos , e sepa- rados.</i>	34
PREC. XL. <i>Evitem-se os extremos con- trários.</i>	ib.
PREC. XLII. <i>Diversidade dos tons , e das côres.</i>	ib.
PREC. XLIII. <i>Escolha da luz.</i>	35
PREC.	

PREC. XLIV. <i>Certas cousas concernentes á pratica.</i>	ib.
PREC. XLV. <i>Campo do quadro.</i>	36
PREC. XLVI. <i>Viveza das cores.</i>	ib.
PREC. XLVII. <i>Sombra.</i>	37
PREC. XLVIII. <i>O quadro deve ser todo de huma parte.</i>	ib.
PREC. XLIX. <i>O espelho he o mestre dos Pintores.</i>	ib.
PREC. L. <i>A meia figura , ou inteira diante das outras.</i>	ib.
PREC. LI. <i>Retrato,</i>	38
PREC. LII. <i>Lugar do quadro.</i>	39
PREC. LIII. <i>Luzes largas.</i>	ib.
PREC. LIV. <i>Quanta luz he precisa para o lugar do quadro.</i>	ib.
PREC. LV. <i>As cousas ociosas em Pintura , que se devem evitar.</i>	40
PREC. LVI. <i>Prudencia do Pintor.</i>	ib.
PREC. LVII. <i>Idéa de hum bello quadro.</i>	41
PREC. LVIII. <i>Para o novo Pintor.</i>	ib.
PREC. LIX. <i>A Arte sujeita ao Pintor.</i>	42
PREC. LX. <i>A diversidade, e facilidade recreião.</i>	ib.

- PREC. LXI. *Deve-se ter o original no espirito, e a copia no painel.* 43
- PREC. LXII. *Compasso nos olhos.* ib.
- PREC. LXIII. *O orgulho he externamente prejudicial ao Pintor.* 44
- PREC. LXIV. *O conhecimento de si mesmo.* 45
- PREC. LXV. *Praticar incessante, e facilmente aquillo, que se concebeo.* ib.
- PREC. LXVI. *A manhã he propria para o trabalho.* 46
- PREC. LXVII. *Fazer todos os dias alguma cousa.* ib.
- PREC. LXVIII. *As paixões verdadeiras, e naturaes.* ib.
- PREC. LXIX. *Os livros de lembrança.* 47
- PREC. LXX. *Ordem dos estudos.* 49
- PREC. LXXI. *A natureza, e a experiencia aperfeiçoão a Arte.* 51

C A T A L O G O

D A S O B R A S D E P I N T U R A .

IMPRESSAS NA OFFICINA CHALCOGRAPHICA DO ARCO
DO CEGO.

Tractado das sombras relativamente ao Desenho
(*Dupain*) com 14 Estampas.
Os principios do Desenho (*Lairesse*) traduc. com 4
Estamp.
O Pintor em tres horas.
Principios da Arte da Gravura (*Lairesse*) trad. Franc.

Debaixo do Prelo.

Geometria dos Pintores (*Dupain*) trad.
Arte da Pintura (*Du Fresnoy*) com 7. Estamp. trad.
Ital.
Maneira de Gravar a agua forte , a buril , e em ma-
neira negra (*Bosse*) com 22 Estamp. trad. Franc.
A Escultura , ou a Historia , e Arte da Chalcographia,
e Gravura em cobre (*Evelyn*) trad. Ingl.

*Estas obras se vendem na loge da Officina Chal-
cografica ao Rocio. Na da Viuva Bertrand e Filho ,
na de Borel e Martin ao Chiado. Na de Semiond em
Coimbra. Na de Antonio Alvares Ribeiro no Porto.*

*Na mesma loge ao Rocio se vendem tambem Re-
tratos em preto , e illuminados , gravados por artis-
tas Portuguezes ; e caracteres typographicos de toda
a qualidade elegantemente abertos por Artistas Nacio-
naes.*



<http://ciarte.no.sapo.pt/recursos/biblioteca.html>